

# Assimetrias em construções de clivagem do português: movimento vs. geração na base

Maria Lobo

Universidade Nova de Lisboa

## 1. Introdução

O português dispõe de várias construções integráveis na “família” das construções de clivagem (cf. Ambar, 1997; Costa & Duarte, 2001; Duarte, 2003; e.o.): i) as clivadas canónicas; ii) as clivadas-Q; iii) as pseudo-clivadas básicas; iv) as pseudo-clivadas invertidas; v) as pseudo-clivadas invertidas de *é que*; vi) as semi-pseudo-clivadas básicas (ou estruturas de focalização com *ser*), exemplificadas de seguida<sup>1</sup>:

- (1) Foi a telefonia que o Pedro estragou;
- (2) Foi a telefonia o que o Pedro estragou;
- (3) O que o Pedro estragou foi a telefonia;
- (4) A telefonia foi o que o Pedro estragou;
- (5) A telefonia é que o Pedro estragou;
- (6) O Pedro estragou foi a telefonia.

Algumas análises anteriores de construções clivadas aproximam as estruturas de i) das estruturas de ii), propondo uma estrutura subjacente idêntica para os dois tipos de construções. Encontramos, por um lado, análises que tratam as construções de i) e de ii) como frases copulativas de tipo identificacional, e, por outro lado, análises que as tratam como estruturas oracionais finitas subcategorizadas por *ser*.

Há, no entanto, diferenças de comportamento entre as clivadas canónicas e as clivadas-Q, em particular – relativamente aos padrões de concordância sujeito-verbo, às restrições à categoria gramatical clivada, às restrições à clivagem de pronomes complemento e aos padrões de ordem de palavras – que levam a pensar que a cada uma delas está subjacente uma diferente estrutura. Encontram-se também diferenças entre os vários tipos de construções que envolvem orações iniciadas por uma forma-Q que terão de ser explicadas.

## 2. Anteriores análises de estruturas clivadas do português

Em Costa & Duarte (2001), propõe-se uma análise unificada para todas as construções de clivagem, sendo todas elas tratadas como estruturas identificacionais na base,

---

<sup>1</sup> Seguimos aqui a nomenclatura adoptada em Costa & Duarte (2001) e Duarte (2003).

não havendo movimento do constituinte clivado para fora da oração subordinada. Teríamos assim uma estrutura oracional reduzida seleccionada pelo verbo *ser*, sendo o constituinte clivado o predicado da oração reduzida e a oração introduzida por *que* ou pela forma-Q o seu sujeito:

- (7) [<sub>IP</sub> *ser* [<sub>SC</sub> [<sub>CP</sub> {[*o que*]<sub>i</sub>/Op<sub>i</sub> *que*} *o corvo comeu* t<sub>i</sub>] [<sub>DP</sub> *o queijo*]<sub>i</sub>]]  
(Duarte, 2003: 688)

Nesta análise, as clivadas canónicas e as clivadas-Q recebem um mesmo tratamento.

Em Ambar (1997), propõe-se uma análise unificada para as estruturas i) e ii), em que o verbo *ser*, tomado como uma lexicalização de Tempo, subcategoriza CP:

- (8) [<sub>TopicP</sub> [<sub>Topic'</sub> [<sub>Topic\_FocusP</sub> OP<sub>Ev</sub> [<sub>Topic\_Focus'</sub> *foram*<sub>v</sub> [<sub>IP</sub> *os meninos*<sub>i</sub> t<sub>v</sub> [<sub>CP</sub> t<sub>i</sub> [<sub>C'</sub> *que* [<sub>IP</sub> t<sub>i</sub> *ouviram as sonatas*]]]]]]]]].

Propõe-se que o constituinte clivado é deslocado do interior de CP para uma posição mais alta na oração superior, quer nas clivadas canónicas quer nas clivadas-Q. O morfema-Q seria o resultado de uma reanálise de *que* com o vestígio em Espec de C.<sup>2</sup>

Há, no entanto, outras propostas que não atribuem a mesma estrutura a clivadas canónicas e a clivadas-Q. Entre estas, encontram-se Modesto (1995), para o português do Brasil, Jones (1996), que remete para Fradin (1978), para o francês, e Kiss (1999), para o inglês. Abstraindo de diferenças substanciais entre as análises, estes autores têm em comum o facto de admitirem a co-existência de estruturas clivadas em que o constituinte clivado é inicialmente gerado como um constituinte da oração clivada e estruturas clivadas em que o constituinte clivado é directamente gerado fora da estrutura oracional.

A favor desta dupla análise, Jones (1996) refere a possibilidade de co-existirem em francês as seguintes estruturas: *C'est à Marie que j'ai parlé* e *C'est Marie à qui j'ai parlé*. Na primeira, haveria extracção do constituinte clivado; na segunda, o constituinte clivado seria gerado fora da estrutura relativa.

Também Kiss (1999) sugere que as estruturas clivadas do inglês, que a autora toma como orações subcategorizadas por uma categoria Foco, podem envolver movimento do constituinte clivado para Espec de Foco ou geração na base do constituinte clivado em Espec de Foco. No primeiro caso, teríamos frases clivadas com *that* que manifestam efeitos de conectividade relativamente a caso e concordância, como *It is each other that they trust the most* ou *It was to Peter that he spoke*; no segundo caso, teríamos frases clivadas com sujeito pronominal oblíquo ou com formas-Q como *It was me who did it* ou *It is me who is responsible*, ou ainda *It was to Peter to whom he spoke*.

<sup>2</sup> Esta análise descreve e procura explicar os fenómenos de concordância de Tempo entre *ser* e o verbo da subordinada e a sua associação a diferentes valores de Foco.

### 3. Clivadas-Q e clivadas canônicas: uma mesma estrutura ou estruturas diferentes?

As análises que unificam as clivadas canônicas e as clivadas-Q predizem que as duas estruturas apresentem um comportamento homogêneo. Há, no entanto, vários aspectos em que elas se distinguem.

#### 3.1. Padrões de concordância

As clivadas canônicas e as clivadas-Q apresentam diferentes padrões de concordância (pelo menos na variedade standard do português).<sup>3</sup>

Quando o constituinte clivado é o sujeito, há concordância de pessoa na clivada canônica, como em (9a) e (10a), mas não na clivada-Q, em que a concordância dá origem a frases agramaticais (cf. exemplos b.):

- (9) a. Foram os teus pais que telefonaram.  
 b. \*Foram os teus pais quem telefonaram.
- (10) a. Fui eu que fiz isso.  
 b. \*Fui eu quem fiz isso.

Nas clivadas-Q, o verbo permanece na 3ª pessoa do singular, como em (11b) e (12b), o que não é possível nas clivadas canônicas, como se pode ver nos exemplos agramaticais (11a) e (12a):

- (11) a. \*Foram os teus pais que telefonou.  
 b. Foram os teus pais quem telefonou.
- (12) a. \*Fui eu que fez isso.  
 b. Fui eu quem fez isso.

#### 3.2. Restrições à clivagem de diferentes categorias

As diferentes estruturas de clivagem apresentam diferentes restrições à clivagem de diferentes categorias.<sup>4</sup>

<sup>3</sup> Em variedades não standard do português, em clivadas-Q, iniciadas pelo pronome relativo *quem*, é possível encontrar concordância entre um DP clivado que funciona como antecedente do relativo correspondente ao sujeito gramatical da relativa e a forma verbal da oração iniciada por *quem* (cf. Carrilho, 2003):

i) Fui eu e os meus filhos quem a compusemos. (Cordial, PFT 21)

O mesmo padrão de concordância pode ser encontrado em pseudo-clivadas invertidas:

ii) Os meus filhos e o meu genro foram quem compuseram isto. (Cordial, PFT 21)

A mesma possibilidade parece verificar-se no português do Brasil, de acordo com Modesto (1995), em que tanto pode haver concordância como ausência de concordância com o constituinte clivado correspondente ao sujeito gramatical.

Este padrão também é possível noutras línguas: em espanhol coloquial, Moreno Cabrera (1999: 4258) refere que a par de frases como *Soy yo quien lo ha visto*, é possível encontrar frases com concordância como *Soy yo quien lo he visto*.

<sup>4</sup> Alguns destes contrastes são referidos também em Dias (2003).

As clivadas canónicas admitem a clivagem de constituintes nominais, preposicionais e adverbiais (como em (13a), (14a) e (15a)), mas não de constituintes verbais (como em (16a)), ao passo que as clivadas-Q admitem a clivagem de constituintes nominais e verbais (como em (13b) e (16b)), mas não admitem facilmente a clivagem de constituintes preposicionais e adverbiais (como em (14b) e (15b))<sup>5</sup>:

- (13) a. Foi o Rui que telefonou à Ana.  
 b. Foi o Rui quem telefonou à Ana.
- (14) a. Era do Rui que ela gostava  
 b. ??/\*Era do Rui de quem ela gostava.
- (15) a. Foi muito lentamente que ele abriu os olhos.  
 b. \*Foi muito lentamente como ele abriu os olhos.
- (16) a. \*Foi telefonar à namorada que ele fez.  
 b. Foi telefonar à namorada o que ele fez.

### 3.3. Diferentes possibilidades de ordenação dos constituintes

As estruturas clivadas com forma-Q e as estruturas clivadas com *que* apresentam diferentes possibilidades de ordenação dos constituintes.

As clivadas canónicas não podem funcionar como 'pseudo-clivadas básicas' nem como 'pseudo-clivadas invertidas' – nestas estruturas, temos apenas orações introduzidas por formas-Q (cf. também Ambar, 1997):

- (17) a. O que o corvo comeu foi o queijo  
 b. \*Que o corvo comeu foi o queijo
- (18) a. O queijo foi o que o corvo comeu  
 b. \*O queijo foi que o corvo comeu.

### 3.4. Restrições à clivagem de pronomes complemento

A clivagem de um pronome não concordante em Caso com a posição vazia no interior de CP é pior em clivadas canónicas do que em clivadas-Q. Assim, nas clivadas canónicas é apenas completamente gramatical a clivagem da forma forte do pronome integrada num PP, como é visível nos contrastes entre as frases a. e b. dos exemplos abaixo:

- (19) a. \*/??Fui eu que o Pedro convidou [-]  
 b. Foi a mim que o Pedro convidou [-]
- (20) a. \*Foste tu que a Ana elegeu [-]  
 b. Foi a ti que a Ana elegeu [-]

<sup>5</sup> Existe alguma variação entre os falantes quanto à aceitabilidade da clivagem de PPs em clivadas-Q e em pseudo-clivadas invertidas. Para além disso, parece haver diferenças na aceitação de PPs com funções sintácticas e semânticas diferentes.

- (21) a. \*/??És tu que o Pedro quer convidar [-]  
 b. É a ti que o Pedro quer convidar [-]

Nas clivadas-Q, no entanto, é perfeitamente gramatical a clivagem de um pronome não concordante em Caso com a posição vazia no interior de CP:

- (22) a. Fui eu quem o Pedro convidou [-]  
 b. Foste tu quem a Ana elegeu [-]  
 c. És tu quem o Pedro quer convidar [-]

### 3.5. Outros problemas de análises unificadas

Para além das assimetrias entre clivadas canónicas e clivadas-Q referidas acima, uma análise das clivadas canónicas como estruturas relativas (ou 'pseudo-relativas' ou 'semi-relativas livres' cf. Duarte, 2000 e 2003) não dá conta do facto de não termos, geralmente, em português, relativas sem antecedente introduzidas por *que*, contrariamente ao que acontece com as formas *quem, a quem, o que...*:

- (23) a. \*Percebo que queres dizer  
 b. Percebo o que queres dizer  
 (24) a. \*Conheço que faça isso  
 b. Conheço quem faça isso

Por outro lado, uma análise das clivadas-Q como estruturas subcategorizadas em que houve uma reanálise de 'vestigio-*que*' como forma-Q não explica por que razão esse fenómeno não acontece em português noutras construções em que terá havido um movimento semelhante, como no movimento de um interrogativo do interior de uma oração subcategorizada, por exemplo, como acontece no francês:

- (25) a. Quem disse o João {\*quem/que} telefonou?  
 b. Quel étudiant crois-tu {qui/\*qu'} est malade? (cf. Jones, 1996: 507)

Veja-se que em francês, em que opera a regra *que-t > qui*, a forma *qui* é a única forma possível nas estruturas clivadas quando o constituinte clivado é o sujeito:

- (26) a. C'est Luc qui a volé mon stylo (cf. Jones, 1996: 526)  
 a'. \*C'est Luc qu'a volé mon stylo.  
 b. C'est nous qui avons raison (cf. Jones, 1996: 528)  
 b'. \*C'est nous qu'avons raison.  
 c. C'est toi qui as volé mon stylo (cf. Jones, 1996: 528)  
 c'. \*C'est toi qu'as volé mon stylo.

Note-se que tanto as clivadas canónicas como as clivadas-Q manifestam efeitos de conectividade, o que não é necessariamente um indício de que tenha havido movimento (cf. Heycock & Kroch, 1999). No entanto, apenas as clivadas canónicas apresentam efeitos de concordância de Caso e Pessoa.

#### 4. Proposta

Tendo em conta os contrastes acima apresentados, é plausível supor que nas clivadas canónicas está envolvido movimento do constituinte clivado do interior da oração – ou seja o constituinte clivado é na base um argumento ou adjunto da oração iniciada por *que*, ao passo que nas clivadas-Q (bem como em todas as estruturas que envolvem um morfema-Q) o constituinte clivado é gerado fora da oração-Q numa estrutura de tipo oração pequena (SC). Esta proposta vai na linha daquilo que é assumido em Modesto (1995).

Os tipos (2)-(4), que têm uma oração introduzida por uma forma-Q, terão uma estrutura subjacente que envolve uma oração pequena, sendo o constituinte clivado um dos constituintes da oração pequena (cf. Heycock & Kroch, 1999; Costa & Duarte, 2001; e.o.). A estrutura de (1) e de (5) será diferente. Nesta secção, procuramos identificar a estrutura associada a cada um dos tipos de clivadas, com excepção do tipo (6), que nos parece merecer um tratamento distinto e que não será considerado aqui.<sup>6</sup>

##### 4.1. Clivadas canónicas

Os contrastes referidos acima sugerem que nas clivadas canónicas – tipo (1) – o verbo *ser* subcategoriza um CP que contém o constituinte clivado, tal como é proposto na análise de Ambar (1997).

A obrigatoriedade de concordância entre um sujeito clivado e a forma verbal da oração subordinada é compatível com uma análise de movimento para estas estruturas:

- (27) a. Foram os teus pais que telefonaram  
 b. \*Foram os teus pais que telefonou.
- (28) a. Fui eu que fiz isso.  
 b. \*Fui eu que fez isso.

Pelo contrário, a ausência de concordância entre um sujeito clivado e a forma verbal da oração subordinada numa clivada-Q sugere que, neste caso, não houve movimento do constituinte clivado:

<sup>6</sup> Para além de serem as únicas que não têm nem forma-Q nem *que*, as clivadas do tipo (6) são as únicas que permitem que o verbo *ser* seja antecedido de *mas*:

- i) Estás mas é maluco.  
 ii) O Pedro estragou mas foi a telefonia.

- (29) a. Foram os teus pais quem telefonou  
 b. \*Foram os teus pais quem telefonaram.  
 (30) a. Fui eu quem fez isso.  
 b. \*Fui eu quem fiz isso.

Como vimos acima, a clivagem de um pronome não concordante em Caso com a posição vazia no interior de CP é pior em clivadas canónicas do que em clivadas-Q, o que é compatível com uma análise de movimento para a clivada canónica, mas não para a clivada-Q:

- (31) a. \*O Pedro convidou eu.  
 b. O Pedro convidou(-me) a mim.  
 (32) a. \*???Fui eu que o Pedro convidou [-]  
 b. Foi a mim que o Pedro convidou [-]  
 c. Fui eu quem o Pedro convidou [-]

Além disso, a clivagem do sujeito de uma encaixada é pior em clivadas canónicas do que em clivadas-Q, o que pode sugerir que nas clivadas canónicas, mas não nas clivadas-Q, estamos perante uma estrutura que envolve movimento do constituinte clivado:

- (33) a. \*Fui eu que o Pedro disse que [-] ganhei o prémio  
 b. Fui eu quem o Pedro disse que [-] ganhou o prémio

A ausência de restrições à clivagem de PPs e AdvPs (constituintes de IP) em clivadas canónicas explica-se naturalmente com a análise de movimento para estas estruturas:

- (34) a. É de mim que a Ana gosta  
 b. É comigo que o Pedro quer brincar  
 c. Foi ontem que começaram as aulas  
 d. É muito lentamente que se deve abrir a fechadura

Também as restrições à clivagem de constituintes verbais são explicáveis na hipótese de movimento, uma vez que na estrutura de base não está disponível um pro-VP como *fazer*:

- (35) a. \*É [fumar um cigarro] que o Pedro faz quando acorda.  
 b. \*Foi [pintar a casa de novo] que o Pedro fez.

A hipotética estrutura de base teria de partir de uma frase agramatical \**O Pedro faz fumar um cigarro quando acorda* (que só poderia ser gramatical com *fazer* causativo).

Assim, podemos colocar a hipótese de que, nas clivadas canónicas, o constituinte clivado é deslocado para Espec de CP encaixado, que terá presumivelmente traços de Foco, análise semelhante à de Modesto (1995):

(36) [...[<sub>IP</sub> *pro* [<sub>I'</sub> *fui*;<sub>i</sub> [<sub>VP</sub> [<sub>V'</sub> *t<sub>i</sub>* [<sub>CP</sub> *eu*;<sub>j</sub> [<sub>C'</sub> *que* [<sub>IP</sub> *t<sub>j</sub>* *faltei à aula*]]]]]]]]]]

A concordância entre *ser* e o constituinte clivado far-se-á por 'matching' de traços (*Agree*) entre *pro* em Espec de I e constituinte clivado em Espec de C. A relação de *Agree* estabelece-se apenas quando o constituinte clivado é um DP, e preferencialmente quando este tem traços compatíveis com *pro*, i.e. quando é nominativo. A concordância é obrigatória quando o DP é morfologicamente marcado quanto a Caso (i.e. quando é um pronome):

- (37) a. Foi estes livros que o Rui comprou  
 b. ?Foram estes livros que o Rui comprou  
 (38) a. ??Foi estes alunos que faltaram à aula  
 b. Foram estes alunos que faltaram à aula  
 (39) a. \*Foi eu que faltei à aula  
 b. Fui eu que faltei à aula  
 (40) a. Foi a estes alunos que eu entreguei os testes  
 b. \*Foram a estes alunos que eu entreguei os testes

#### 4.2. Clivadas de *é que*

O tipo (5) – as clivadas de *é que* – pode ser analisado como uma oração simples em que C está lexicalizado por *é que*, sendo o constituinte clivado deslocado para Espec de C (cf. Soares, em prep.)<sup>7</sup>. Vários fenómenos argumentam a favor desta análise.

Em primeiro lugar, como tem sido referido por vários autores (cf. Casteleiro, 1979; Costa & Duarte, 2001, Soares, em prep.), *é que* funciona como uma expressão cristalizada<sup>8</sup>:

- i) *ser* é invariável em pessoa/número e tempo/modo (cf. Casteleiro, 1979; Ambar, 1997; e.o.):  
 (41) a. Em casa *é que* eu trabalhava bem.  
 b. \*Em casa era que eu trabalhava bem.  
 ii) *é* e *que* são inseparáveis (cf. Costa & Duarte, 2001):  
 (42) a. \*A Ana *é certamente que* sabe isso.  
 b. A Ana *é que* certamente sabe isso.

<sup>7</sup> Soares (em prep.), com base em dados da aquisição do português, chega a uma conclusão semelhante a esta: as clivadas de *é que* são estruturas mono-oracionais que têm a posição C preenchida por *é que*.

<sup>8</sup> Esta é a análise que é geralmente assumida para *é que* interrogativo (cf. Ambar, 1988).



Em segundo lugar, verifica-se o mesmo tipo de padrão de concordância que nas clivadas canônicas: um sujeito clivado desencadeia obrigatoriamente a concordância verbal (cf. também Casteleiro, 1979):

- (43) a. Estes alunos é que chegaram tarde.  
 b. \*Estes alunos é que chegou tarde.  
 (44) a. Nós é que devemos tratar disso.  
 b. \*Nós é que deve tratar disso.  
 (45) a. Eu é que sei o que estou a fazer.  
 b. \*Eu é que sabe o que está a fazer.

Em terceiro lugar, verificam-se as mesmas restrições que nas clivadas canônicas à clivagem de um pronome não concordante em Caso com a posição argumental vazia:

- (46) a. \*Eu é que o Pedro convidou.  
 b. A mim é que o Pedro convidou.

Ainda, tal como nas clivadas canônicas, nestas estruturas não há restrições à deslocação de DPs, PPs ou AdvPs (desde que sejam constituintes de IP)<sup>9</sup>:

- (47) a. [DP este apartamento] é que tu podias comprar  
 b. [PP em Lisboa] é que eu não queria morar  
 c. [PP de avião] é que o Pedro chegava a tempo  
 d. [PP com o Pedro] é que a Ana costuma trabalhar  
 e. [PP a essa velocidade] é que nunca chegarão lá  
 f. [AdvP amanhã] é que vão afixar os horários

Há, no entanto, restrições à clivagem de constituintes verbais, ao contrário do que acontece em pseudo-clivadas básicas e invertidas e em clivadas-Q:

- (48) a. \*Fumar um cigarro é que o Zé faz quando acorda.<sup>10</sup>  
 b. Fumar um cigarro é o que o Zé faz quando acorda.  
 c. O que o Zé faz quando acorda é fumar um cigarro.  
 d. É fumar um cigarro o que o Zé faz quando acorda.  
 (49) a. \*Ler o jornal é que o Zé faz todas as manhãs.  
 b. Ler o jornal é o que o Zé faz todas as manhãs.  
 c. O que o Zé faz todas as manhãs é ler o jornal.  
 d. É ler o jornal o que o Zé faz todas as manhãs.

<sup>9</sup> Como têm sido referido em gramáticas descritivas do inglês, do italiano e do espanhol e também em Lobo (2003) para o português, os adjuntos adverbiais de frase ou periféricos não podem ser clivados.

<sup>10</sup> Note-se que são possíveis, no entanto, nas clivadas de *é que*, estruturas em que um VP clivado é retomado pela mesma forma verbal:

i) Dormir aqui é que eu não durmo.

Esta impossibilidade é explicável se a estrutura das clivadas de *é que* não envolver uma relativa livre, ao contrário do que acontece com pseudo-clivadas básicas e invertidas.

Finalmente, as clivadas de *é que*, ao contrário das clivadas canónicas e das clivadas-Q, não podem ocorrer em subordinadas adverbiais, o que sugere que, nestas estruturas, não está disponível uma posição para *é que*:

- (50) a. Se foi o João que tocou à campainha, abre a porta.  
 b. Se foi o João quem tocou à campainha, abre a porta.  
 c. \*Se o João é que tocou à campainha, abre a porta.
- (51) a. Quando é o Zé que eu repreendo, não te queixas.  
 b. Quando é o Zé quem eu repreendo, não te queixas.  
 c. \*Quando o Zé é que eu repreendo, não te queixas.

É curioso notar que as clivadas de *é que* têm geralmente uma interpretação semelhante às orações com Foco deslocado do espanhol e do italiano, geralmente tratadas como envolvendo movimento-A' do constituinte focalizado para Espec de categoria funcional alta (C ou Foc):

- (52) a. LAS ACELGAS detesta María, y no los bombones  
 b. PEDRO se casará con María, y no Luis  
 (cf. Hernanz & Brucart, 1987; Zubizarreta, 1999)
- (53) GIORGIO, dovremmo invitare (Renzi, 1988)

Aliás, vários autores têm referido a leitura de foco contrastivo associada às clivadas de *é que* (cf. Casteleiro, 1979; Ambar, 1997; Duarte, 2000; e.o.).

Assim, as clivadas de *é que* podem ser analisadas como frases simples, categorialmente CPs, em que o núcleo C está preenchido pela expressão cristalizada *é que*, estando a posição de Especificador preenchida pelo constituinte clivado deslocado do interior de IP. Estas construções seriam assim até certo ponto correspondentes às construções de Focalização contrastiva do espanhol e do italiano, com a diferença de que C está preenchido por *é que* em português:

- (54) [<sub>CP</sub> [com este menino]<sub>i</sub> [<sub>C</sub> é que [<sub>IP</sub> eu não brinco t<sub>i</sub>]]] (com aquele talvez brinque)
- (55) [<sub>CP</sub> [aqui]<sub>i</sub> [<sub>C</sub> é que [<sub>IP</sub> eu gostava de viver t<sub>i</sub>]]] (noutros sítios não)

*É que* seria responsável pela leitura de contraste, precisando de ter a posição de Espec preenchida pelo elemento contrastado (ou pelo sujeito gramatical caso seja toda a proposição que é contrastada).

Uma vez que as clivadas de *é que* podem também ocorrer em orações subordinadas completivas, teremos ainda de assumir que, nesses casos, teremos uma estrutura de dupla complementação:

(56) O Pedro disse [<sub>CP</sub> que [<sub>CP</sub> [cá em casa]<sub>i</sub> [<sub>C'</sub> é que [<sub>IP</sub> o cão não ficava t<sub>i</sub>]]]]

### 4.3. Pseudo-clivadas (com forma-Q) e clivadas-Q

Nas pseudo-clivadas e nas clivadas-Q – tipos (2)-(4) –, é mais natural admitir-se que estamos perante estruturas em que *ser* selecciona uma oração pequena (SC) constituída por um XP e por um CP de tipo relativo (cf. Costa & Duarte, 2001; Heycock & Kroch 1999; e.o.). Nas estruturas (2)-(4), nas variedades standard do português europeu não se verifica concordância entre um sujeito clivado e a forma verbal da oração clivada. Para além disso, como vimos acima (cf. (48) e (49)), todas elas admitem clivagem de constituintes verbais com *fazer* na subordinada, o que só é possível se o constituinte clivado não for gerado na subordinada.

Contudo, as diferentes análises de clivadas como estruturas identificacionais divergem quanto ao constituinte que é tomado como sujeito e como predicado da oração pequena. Costa & Duarte (2001) consideram que é a relativa que funciona como sujeito da SC, sendo as ordens <*ser* XP CP> derivadas por *scrambling* do constituinte clivado.<sup>11</sup> Outros autores consideram que a relativa é o predicado da SC.

Admitindo que as pseudo-clivadas e as clivadas-Q contêm uma oração pequena constituída por um CP relativo e um XP, qual deles é o sujeito e qual o predicado? Desempenham sempre a mesma função nos diferentes tipos de estruturas ou a sua posição pode variar?

Na verdade, há diferenças entre as várias ordens de clivadas que envolvem uma oração-Q que levam a pensar que também aqui há diferenças entre os vários tipos:<sup>12</sup>

- a) efeitos de conectividade
- b) restrições à ocorrência de PPs e AdvPs
- c) leituras possíveis

Em primeiro lugar, as ‘pseudo-clivadas básicas’ apresentam efeitos de conectividade ausentes das restantes estruturas (cf. Heycock & Kroch, 1999), tais como a legitimação de itens de polaridade negativa, o que leva a pensar que envolvem uma estrutura diferente:

- (57) a. O que ele não faz é coisa nenhuma  
 b. \*É coisa nenhuma o que ele não faz  
 c. \*Coisa nenhuma é o que ele não faz  
 d. \*É coisa nenhuma que ele não faz

<sup>11</sup> A favor da ideia de que a relativa está na posição de sujeito da SC, Duarte (2000) e Costa & Duarte, ms. apresentam contrastes de gramaticalidade entre a extracção da relativa, que dá resultados agramaticais, e a extracção do constituinte clivado, que dá resultados gramaticais, paralelos aos que Moro encontra para frases identificacionais em italiano. No entanto, este argumento pode não funcionar se pensarmos que a extracção do interior de uma relativa livre dá sempre resultados agramaticais:

i) \*[De quem]<sub>i</sub> é que conheces bem quem desconfia t<sub>i</sub>?

Heycock & Kroch (1999) referem também alguns problemas dos dados relativos à extracção.

<sup>12</sup> Dias (2003) chega a uma conclusão semelhante.

Em segundo lugar, as 'pseudo-clivadas básicas' admitem PPs facilmente, o que não acontece nas pseudo-clivadas invertidas nem nas clivadas-Q:

- (58) a. Com quem eu não brinco é com estes meninos.  
 b. ??/\*Com estes meninos é com quem eu não brinco  
 c. ??É com estes meninos com quem eu não brinco (vs. É com estes meninos que eu não brinco)
- (59) a. Por quem eu fiz isto foi pelo Zé.  
 b. ??Pelo Zé foi por quem eu fiz isto  
 c. ??Foi pelo Zé por quem eu fiz isto (vs. Foi pelo Zé que eu fiz isto)
- (60) a. De quem eu desconfio é do senhor de barbas.  
 b. ??Do senhor de barbas é de quem eu desconfio (melhor com focalização no PP) (vs. O senhor de barbas é de quem eu desconfio)  
 c. ??É do senhor de barbas de quem eu desconfio.
- (61) a. De quem ele gosta é da Ana  
 b. ??Da Ana é de quem ele gosta (melhor com focalização no PP)  
 b'. A Ana é de quem ele gosta  
 c. ??É da Ana de quem ele gosta

Finalmente, como é observado por vários autores (cf. Modesto, 1995; Ambar, 1997; Costa & Duarte, 2001; e.o.) os diferentes tipos de estruturas clivadas estão associados a diferentes leituras. Estas diferentes leituras podem ser derivadas: i) da diferente posição final ocupada pelos constituintes, como é feito em Costa & Duarte (2001); ii) do facto de estarmos perante estruturas de base distintas; iii) de uma combinação de ambos os factores.

Os contrastes acima descritos podem levar a pensar que a posição da oração relativa e do constituinte clivado no interior da SC não é sempre a mesma em todas as estruturas: quando XP precede CP-Q, XP é gerado como sujeito da SC e CP-Q como predicado; quando CP-Q precede XP, XP é gerado como predicado e CP-Q como sujeito da SC. Dias (2003), seguindo proposta de Matos (1985) e Heycock & Kroch (1999) para as copulativas identificacionais, chega a uma conclusão semelhante.<sup>13</sup>

As restrições à clivagem de constituintes preposicionados em algumas clivadas-Q poderão ser atribuídas ao facto de uma estrutura identificacional tipicamente envolver constituintes nominais ou oracionais, com idêntico grau de referencialidade (ver Tavares, 2005). Um constituinte não nominal não funciona tão facilmente como sujeito,

<sup>13</sup> Numa análise como a de Costa & Duarte (2001), a dificuldade em ter clivagem de PPs e AdvPs em pseudo-clivadas invertidas pode ser explicada através de eventuais restrições à ocorrência de PPs e AdvPs em Spec de IP, uma vez que os autores assumem a hipótese de Moro (1995) de que tanto o sujeito como o predicado da SC pode ser movido para Spec de IP (embora os autores admitam que qualquer categoria – e não apenas DPs – pode ocupar essa posição). Parece-nos, no entanto, que, na análise de Costa & Duarte (2001), as restrições à clivagem de PPs e AdvPs em clivadas-Q já não são facilmente explicáveis, uma vez que neste caso os autores assumem que o predicado da SC foi movido por *scrambling* para a esquerda de SC. Para além disso, na hipótese de *scrambling*, não se percebe por que é que se estabelece obrigatoriamente concordância entre *ser* e um DP (sujeito) clivado.

mas pode funcionar como predicado<sup>14</sup>. Se admitirmos que quando o XP aparece antes da oração-Q, este corresponde ao sujeito da SC, as restrições serão facilmente explicadas.

O sujeito das copulativas é tipicamente mais referencial do que o constituinte na posição de predicado da SC (cf. Tavares, 2005) – a relativa livre é sempre de natureza nominal (cf. Brito, 1988), ao passo que o sujeito da SC, nas pseudo-clivadas invertidas e nas clivadas-Q será o XP, que está sujeito a restrições categoriais.

A possibilidade de clivar constituintes verbais nas clivadas-Q e nas pseudo-clivadas é explicável na análise de oração pequena, uma vez que teremos dois constituintes independentes, ambos de natureza oracional.

Assim, nas pseudo-clivadas ditas ‘básicas’ (*o que o Pedro estragou foi a telefonia*), a relativa será o sujeito da SC e o XP o predicado da SC (tal como na análise de Costa & Duarte, 2001), sendo a relativa deslocada para Espec de I, funcionando como tópico (não marcado) (cf. Duarte, 1997):

(62) ser [<sub>SC</sub> CP-Q XP] >> CP-Q<sub>i</sub> ser [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> XP]

Como explicar que o verbo *ser*, nestas estruturas, concorde com o constituinte que permanece em posição pós-verbal, apesar de este não ser o sujeito? Uma hipótese é considerar, tal como referido por Tavares (2005) para as estruturas identificacionais nominais e como sugerido em Costa & Duarte, ms. para as clivadas, que a concordância de *ser* se faz com o constituinte referencialmente mais proeminente. Assim, se admitirmos uma hierarquia de referencialidade *pronome* > *DP* > *CP-Q*, numa estrutura de tipo identificacional, o verbo estabelecerá a concordância com o elemento referencialmente mais proeminente, independentemente de este ser o sujeito ou o predicado da SC:

- (63) a. Quem comeu o bolo fui eu  
 a'. \*Quem comeu o bolo foi eu.  
 b. Quem comeu o bolo foram os rapazes.  
 b'. \*Quem comeu o bolo foi os rapazes.  
 c. De quem o Pedro gosta é de mim.

Nas pseudo-clivadas ditas ‘invertidas’ (*a telefonia foi o que o Pedro estragou*), que não têm uma leitura de focalização correspondente às restantes estruturas, é plausível pensar que é o XP que funciona como sujeito da SC e o CP-Q como predicado:

(64) ser [<sub>SC</sub> XP CP-Q] >> XP<sub>i</sub> ser [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> CP-Q]

<sup>14</sup> Fica por explicar a obrigatoriedade de o XP clivado ser preposicionado em frases como:

- i) \*De quem eu gosto é o Pedro (vs. O Pedro é de quem eu gosto; De quem eu gosto é do Pedro)  
 ii) \*Com quem eu brincava era os meus primos (vs. Os meus primos era com quem eu brincava; Com quem eu brincava era com os meus primos)

De acordo com esta análise, as restrições à ocorrência de PPs em ‘pseudo-clivadas invertidas’ resultam do facto de haver restrições à ocorrência de constituintes não nominais (PPs ou AdvPs) em posição de sujeito. Assim, só são plenamente gramaticais as estruturas em que o sujeito da SC é um DP ou um constituinte adverbial que possa ter um comportamento nominal, como *amanhã* (cf. Bosque, 1990; Tavares, 2005)<sup>15</sup>:

- (65) a. [<sub>DP</sub> o Pedro]<sub>i</sub> é [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> quem melhor me compreende]  
 b. [<sub>DP</sub> amanhã]<sub>i</sub> é [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> quando começa o campeonato]  
 c. ??[<sub>PP</sub> com os meninos]<sub>i</sub> é [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> com quem eu brinco]  
 c' [<sub>DP</sub> os meninos]<sub>i</sub> é [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> com quem eu brinco]

Há no entanto uma derivação alternativa para a ordem superficial *XP ser CP-Q*, que está associada a uma leitura diferente e que permite mais facilmente constituintes não nominais em posição pré-verbal. De facto, frases como (65c) melhoram significativamente quando o PP está marcado com acento de Foco:

- (66) a. ??Da Ana é de quem o Pedro gosta  
 b. A Ana é de quem o Pedro gosta  
 c. DA ANA é de quem o Pedro gosta

Ora, neste caso, podemos admitir, tal como na análise de Tavares (2005) para as estruturas copulativas invertidas, que o PP é gerado na posição de predicado da SC, sendo deslocado para uma posição-A’.

Os dois padrões de concordância possíveis, exemplificados abaixo, poderão corresponder a estruturas diferentes: em a., *estes bolos* está em Spec de I; em b., *estes bolos* está numa posição-A’:

- (67) a. ?Estes bolos foram o que o João quis comprar (leitura identificacional)  
 b. Estes bolos foi o que o João quis comprar (leitura especificativa)  
 (68) a. Estes meninos são quem melhor se porta  
 b. ?Estes meninos é quem melhor se porta

Na clivada-Q (*foi a telefonia o que o Pedro estragou*), temos de admitir que na base está a mesma estrutura que nas pseudo-clivadas invertidas, uma vez que se manifestam as mesmas restrições à ocorrência de PPs:

<sup>15</sup> Certas pseudo-clivadas invertidas com PPs parecem obter resultados francamente melhores:

i) [<sub>PP</sub> na faculdade] é [<sub>SC</sub> t<sub>i</sub> onde eu consigo estudar melhor].

Talvez as diferenças de aceitação estejam relacionadas com a natureza simples vs. complexa do constituinte relativo – *onde, como* vs. *com quem, de quem, a quem, em que*. Esta é uma questão para a qual, por enquanto, não temos resposta.

- (69) a. ??/\*É de comboio como o João gosta de viajar  
 b. ??É da Ana de quem o João gosta  
 c. ??Foi com os meninos com quem o João brincou

Isto quer dizer que, nas clivadas-Q, o constituinte clivado é o sujeito da SC e CP-Q o predicado. A ordem <ser XP CP-Q> deverá ter uma explicação semelhante à que é dada para estruturas copulativas em que *ser* precede o sujeito da SC como:

- (70) a. Foram os meninos os primeiros a chegar  
 b. Sou eu o teu melhor amigo

Pode admitir-se que o XP clivado se move para Espec de I e que *ser* se move para C. Alternativamente, pode admitir-se a manutenção do sujeito da SC *in situ*. Julgamos que só uma análise cuidada de estruturas copulativas como (70) permitirá dar uma resposta clara a esta questão.

## 5. Conclusão

A observação de assimetrias entre os diferentes tipos de estruturas clivadas permitiu-nos concluir que é necessário admitir (tal como em Modesto (1995)) a co-existência de estruturas em que há movimento do constituinte clivado de uma posição interna a IP (como na análise de Ambar (1997), por exemplo) e de estruturas em que o constituinte clivado é directamente gerado fora da subordinada numa estrutura de tipo oração pequena (como na análise de Costa & Duarte (2001), por exemplo).

Isso permitirá explicar:

- i) os diferentes padrões de concordância manifestados na oração subordinada;
- ii) as restrições à clivagem de determinados constituintes.

Propusemos ainda que as clivadas de *é que* são orações simples, em que o constituinte clivado ocupa a posição de Espec de C, estando o núcleo preenchido pela expressão cristalizada *é que* e que, nas clivadas com forma-Q, a posição de sujeito e predicado da oração pequena pode variar.

Deixamos para investigação futura as diferentes propriedades discursivas associadas a cada um dos tipos de estruturas clivadas, a exploração dos fenómenos de concordância de pessoa entre o verbo *ser* e o constituinte clivado e de concordância temporal entre o verbo *ser* e o verbo da oração subordinada, e ainda a explicação para os contrastes observados entre o português e outras línguas.

## Referências

- Ambar, Manuela (1988) *Para uma sintaxe da inversão sujeito-verbo em português*. Dissertação de doutoramento, Universidade de Lisboa (Publ. 1992 Ed. Colibri)
- Ambar, Manuela (1997) *The Syntax of Focus in Portuguese – a unified approach*, ms. Universidade de Lisboa.
- Bosque, Ignacio (1990) *Las Categorías Gramaticales*. Madrid: Síntesis.
- Brito, Ana Maria (1988) *A sintaxe das orações relativas em português. Estrutura, mecanismos interpretativos e condições sobre a distribuição dos morfemas relativos*. Dissertação de doutoramento, Universidade do Porto.
- Carrilho, Ernestina (2003) *Manual de Anotação Sintáctica*. Cordial-sin. Centro de Linguística da Universidade de Lisboa.
- Casteleiro, J. M. (1979) *Sintaxe e Semântica das Construções Enfáticas com “é que”*. *Boletim de Filologia*, XXV.
- Costa, João & Inês Duarte (2001) *Minimizando a Estrutura: uma Análise Unificada das Construções de Clivagem em Português*. *Actas do XVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa: APL/Colibri, pp. 627-638.
- Costa, João & Inês Duarte (2005) *Cleft Strategies in Portuguese: A Unified Approach*, ms.
- Dias, Luisa Cristina dos Santos (2003) *As estruturas de clivagem no Português Europeu*. Dissertação de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- Duarte, Inês (1997) *Ordem de palavras, sintaxe e estrutura discursiva*. In Brito, Oliveira, Pires de Lima & Martelo (orgs.) *Sentido que a Vida Faz. Estudos para Óscar Lopes*. Porto: Campo das Letras, pp. 581-592.
- Duarte, Inês (2000) *Sobre interrogativas-Q em português europeu e português brasileiro*. *Congresso Internacional 500 Anos da Língua Portuguesa no Brasil*, Évora, 8-13 Maio.
- Duarte, Inês (2003) *Construções de clivagem*. In Mateus et al. *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa: Caminho.
- Fradin, B. (1978) *Les phrases clivées en français: propositions pour une réanalyse*. *Recherches linguistiques de Vincennes* 7, pp. 89-132.
- Hernanz, M. L. & J. M. Brucart (1987) *La sintaxis: 1. Principios teóricos. La oración simple*. Barcelona: Crítica.
- Heycock, Caroline & Anthony Kroch (1999) *Pseudocleft Connectedness: Implications for the LF Interface*. *Linguistic Inquiry* 30.3, pp. 365-397.
- Jones, Michael Allan (1996) *Foundations of French Syntax*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Kiss, Katalin (1999) *The English Cleft Construction as a Focus Phrase*. In L. Mureu (ed.) *Boundaries of Morphology and Syntax*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Co., pp. 217-229.
- Lobo, Maria (2003) *Aspectos da Sintaxe das Orações Subordinadas Adverbiais do Português*. Dissertação de doutoramento, Universidade Nova de Lisboa.
- Matos, Gabriela (1985) *Clítico Verbal Demonstrativo*. Faculdade de Letras da universidade de Lisboa.
- Modesto, Marcello (1995) *As construções clivadas no PB: relações entre interpretação focal, movimento sintático e prosódia*. Dissertação de mestrado, Universidade de São Paulo.



- Moreno Cabrera, Juan Carlos (1999) Las funciones informativas: las perífrasis de relativo y otras construcciones perifrásticas. In Bosque & Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. vol.3 Entre la oración y el discurso. Morfología*. Madrid: Espasa, cap. 65.
- Moro, A. (1995) Small clauses with predicative nominals. In Cardinaletti e Guasti (eds.) *Syntax and Semantics: Small Clauses*, vol. 28. Academic Press, pp. 109-132.
- Renzi, ed. (1988) *Grande grammatica italiana di consultazione*, vol. I. Bologna: il Mulino.
- Soares, Carla (em prep.) Dissertação de doutoramento, Univ. Paris 8.
- Tavares, J. A. (2005) *Orações copulativas nominais com o verbo ser em Português Europeu*. Dissertação de mestrado, Universidade Nova de Lisboa.
- Zubizarreta, M. L. (1999) Las funciones informativas: Tema y Foco. In Bosque & Demonte (orgs.) *Gramática Descriptiva de la Lengua Española. vol.3 Entre la oración y el discurso. Morfología*. Madrid: Espasa, cap. 64.